



Avaliando competências através de portfólios

Antonieta Lourenço e Isabel Paula

é importante saber integrar o portfólio no conjunto de registos dos alunos. Valorizar a sua execução implica considerá-lo na tradução da nota, equilibrando a avaliação certificadora de aprendizagens com as competências.

Portfólio: O que é?

Como certamente todos os professores que se prezem, já tínhamos como prática de muitos anos pedido aos nossos alunos trabalhos sobre um tema específico, o desenvolvimento de um conceito, história da matemática ou um relatório de uma aula.

Esses trabalhos, feitos a nosso pedido, pretendiam aprofundar um assunto e estavam muitas vezes associados à *subida da nota*, por exemplo, para distinguir um *quatro* de um *cinco*, para justificar um *três* quando os alunos tinham testes negativos. Esta recolha de elementos não se destinava ao conhecimento do aluno, nem pretendia envolvê-lo na sua aprendizagem.

Quando um professor reflecte na aprendizagem, mas tem por hábito verificá-la através de testes de papel e lápis, em tempo controlado, fica muitas vezes com um sabor *a vazio*, pensando: *mas afinal entre o que*

propusemos e trabalhámos nas aulas e o que eles fizeram, vai uma grande distância. Até parecia que tinham compreendido ...

É preciso mudar, mas como?

Depois de uma Oficina de Formação que frequentámos na APM sobre Avaliação, decidimos implementar o portfólio nas nossas turmas do 6º ano, a professora Antonieta em Ciências, a professora Isabel em Matemática.

O portfólio é aqui entendido como uma organização de trabalhos dos alunos, elaborados por escolha própria, partindo de tarefas realizadas nas aulas, que podem ser desenvolvidos através da pesquisa ou da criação de novas situações. Pretendíamos que ao seleccionarmos os trabalhos os alunos voltassem a pensar neles, pelas mais diversas razões, nomeadamente por lhes dar prazer, para sentirem dificuldades que necessitassem de melhorar, para ampliarem conhecimentos e até para criticarem,

eventualmente, aspectos menos conseguidos nas tarefas das aulas. Acreditávamos, ainda, que através da organização dos trabalhos seria possível conhecermos melhor os alunos e com as nossas críticas levá-los a reflectir na sua aprendizagem.

Portfolio: Como?

Reunimos previamente com os Encarregados de Educação dessas turmas no sentido de lhes fazer entender que na avaliação que iríamos desenvolver passaríamos a ser considerados outros elementos, para além dos testes, nomeadamente os portfolios, explicando-lhes também o envolvimento subjacente do *Curriculum Nacional do Ensino Básico* (DEB, 2001).

Dissemos aos alunos o que esperávamos deles, nomeadamente que deveriam escolher uma tarefa, preferencialmente realizada nas aulas, uma pesquisa que tivesse a ver com conteúdos abordados, mas sempre com uma visão pessoal e não uma cópia. Como exemplos, poderiam realizar uma descrição do que sentiram ao realizar uma tarefa, nomeadamente através de uma carta a um amigo, um artigo para um jornal relatando um episódio vivido nas aulas, jogos, exercícios, problemas, investigações, constando necessariamente uma reflexão crítica.

No dossiê onde estavam organizados os trabalhos deveriam constar:

- a escolha e desenvolvimento livre de um assunto abordado nas aulas, um TPC, etc;
- trabalhos datados e com características diferentes;
- reflexões;
- bibliografia;
- índice.

Após cada entrega, analisávamos os trabalhos, redigíamos um comentário pessoal e classificávamos os trabalhos atribuindo uma cor. Os trabalhos eram ainda discutidos e alguns divulgados aos colegas pelos próprios. Esta proposta desenvolvia-se num tempo algo alargado (férias, interrupções lectivas, feriados alargados).

Durante esse ano lectivo houve seis momentos de trabalho e avaliação dos portfolios: após a unidade *Perí-*

metro do Círculo (cerca de um mês de aulas), após a primeira interrupção lectiva (em meados de Novembro), após as férias do Natal, do Carnaval e da Páscoa e em Junho, após o primeiro feriado. Dado que era um trabalho que ocupava tempo, avisámos os alunos com alguma antecedência e explicámos que o prazo tinha a ver com algum *descanso* de aulas.

Com um prazo relativamente curto após a entrega (em geral não mais que duas semanas), os trabalhos eram devolvidos aos alunos, com um comentário escrito da professora, sobre a relevância do trabalho escolhido, a organização do mesmo, nomeadamente a produção escrita e a reflexão pessoal. Em caso de necessidade, eram referidas sugestões de melhoria/reformulação, hipóteses de desenvolvimento e a classificação segundo uma cor, que constituía a referência qualitativa.

Nem todos os trabalhos eram discutidos publicamente, mas apenas aqueles cujo conteúdo poderia constituir um valor acrescentado para as aprendizagens dos colegas, sugestões para futuros trabalhos, exemplos de reflexão, etc. Dado que os alunos são diferentes, as escolhas também o eram e alguns consistiam em rotinas e escrita de regras, que pouco acrescentavam aos colegas. Fora desse espaço generalizado, os alunos trocavam os trabalhos entre si, durante as aulas.

Também acontecia que durante um trabalho de grupo, os mais despachados, para não ficarem desocupados, recebiam os respectivos portfolios e em conjunto com a professora eram comentados e discutidos.

Pode constatar-se que quanto à organização, definição do tipo de trabalhos dos alunos e aprendizagem que deles resulta, os portfolios têm diferenças relativamente aos trabalhos anteriormente propostos, com o fim de atribuir classificações.

Portfolio: Que balanço?

Do ponto de vista dos professores

De um modo geral os alunos entregaram os trabalhos no prazo acordado, mostrando grande satisfação na sua realização. Alguns perguntavam

“quando vamos fazer outro?”, pergunta que nunca ouvimos relativamente a testes ...

Verificámos que os alunos elaboraram formas diversas de apresentar os seus trabalhos, nomeadamente recorrendo a pesquisas na Internet, realizando entrevistas imaginárias, inventando programas de rádios e TV, Bandas Desenhadas, etc, para descreverem conceitos abordados nas aulas.

A reflexão foi o assunto mais difícil e menos conseguido. Qualquer adulto sabe as dificuldades de a fazer, quanto mais crianças de 10, 11 ou 12 anos! No entanto, esta competência pode ser desenvolvida através deste tipo de trabalhos, não sendo remetida como vem sendo hábito em algumas áreas disciplinares e não disciplinares, para questionários de cruzinhas que nada concretizam nem aprofundam.

Foi para nós surpreendente o conhecimento que passámos a ter dos alunos. Por muito que queiramos, com avaliações standartizadas não conseguimos observar o seu empenhamento, espírito de pesquisa e gosto pelo saber, nem sobre as dificuldades de alunos avaliados com boas notas a relatar ou reflectir sobre assuntos abordados nas aulas.

Nós, tal como os professores em geral, centramo-nos no global da turma, reflectimos nas incidências críticas (ou alunos muito fracos ou muito bons), não particularizando o conhecimento naqueles que não *causam problemas*, que se deixam ir *sem levantar ondas*. Acabamos muitas vezes um ciclo sem os conhecermos na realidade. Com o portfolio isso já não acontece, pois quer o tipo de trabalhos quer as reflexões permitem que conheçamos, quase como um espelho, o que lhes vai na alma.

Numa sociedade cada vez mais competitiva, as notas dos testes são vividas com grande ansiedade pelos alunos e seus Encarregados de Educação, tanto mais que a visibilidade da Matemática e a sua imagem na Comunicação Social anda pelas ruas da amargura ... As pressões são grandes sobre os alunos, mesmo os mais novos. Se os seus Encarregados de Educação forem licenciados e os

alunos tiverem três, tem o professor que justificar muito bem a razão desse nível. Gera-se então um ambiente de aprendizagem competitivo na sala de aula, dificultando a colaboração entre alunos.

Articular a avaliação com a aprendizagem, tornando-a evidente para os Encarregados de Educação e individualizada é uma das vantagens dos portfólios. Muitos Encarregados de Educação necessitam de saber que para além dos testes, única coisa com que no geral se preocupam, por causa das notas, o trabalho em Matemática na sala de aula consiste na exploração de situações, manipulação de materiais, resolução de problemas. Essas diferentes situações são evidenciadas nos trabalhos organizados nos portfólios.

A título ilustrativo do que acabámos de afirmar, recordamos duas situações vivenciadas pela professora de Matemática. Um dos casos era um aluno do 6º ano que no final do 1º Período não entregou nada relativamente ao trabalho a desenvolver com o portfólio, mas que tinha Satisfaz, no mínimo, nos testes. Para ele, bastava. A sua autonomia era fraca, dependendo sistematicamente da mãe para qualquer tarefa nunca estando por isso atento nas aulas nem participando nas tarefas propostas. Depois de muito ponderar e de discutir o assunto com a mãe, foi-lhe atribuído a classificação negativa, justificando-se atempadamente. Verificou-se posteriormente que o seu comportamento se alterou para melhor, nesse ano e no seguinte, demonstrando que o gosto pela Matemática e a aprendizagem não são imediatas, mas constituem um processo lento que tem de ser construído. Se continuasse a hipervalorizar as notas dos testes, esta diferença muito provavelmente não se manifestaria.

Outro caso foi relatado por uma Encarregada de Educação (professora do 1º ciclo e empenhada na sua profissão), que contou ter visto a grande progressão, entusiasmo e ligação entre os temas matemáticos e o quotidiano, explicados pelo seu filho. Segundo ela, no início do ano, não acreditava muito naquilo, mesmo como professora, mas ao perceber

Pontos fortes	Pontos fracos
Alunos que não comunicam espontaneamente, fizeram bom trabalho	Nem todos os alunos entregaram
Alunos com Necessidades Educativas Especiais entregaram pelo menos um trabalho	Nem todos perceberam o objectivo, confundindo o processo com o produto
Diminuição da competitividade baseada nas notas dos testes	Há alunos que não reformulam o trabalho
Apresentação à turma bem sucedida	Rapazes fazem um trabalho menos organizado
Alunos melhoraram do primeiro para o segundo trabalho, devido a comentários escritos da professora	Reflexão difícil de conseguir
Raparigas valorizam muito este tipo de trabalho	

a evolução do seu filho, que anteriormente só fazia continhas e pouco mais, apercebeu-se da importância deste trabalho.

Os alunos precisam de sentir de forma explícita quais são os critérios dos professores e que a avaliação tem sempre como finalidade melhorar a aprendizagem.

Conhecer os alunos e desenvolver-lhes competências foi a grande finalidade que a professora de Matemática apostou, avaliando pedagogicamente os alunos no âmbito da reorganização curricular, percebendo que através deste trabalho os alunos:

- Expressam dúvidas/dificuldades;
- Utilizam métodos de trabalho e de aprendizagem diversificados adaptados a vários contextos;
- Auto-avaliam o trabalho realizado;
- Seleccionam informação e organizam estratégias criativas face a questões;
- Tomam decisões e iniciativas;
- Responsabilizam-se pela realização de tarefas.

Contudo, existiram alguns aspectos não conseguidos ou certas dificuldades difíceis de ultrapassar. Para melhor compreensão do que estamos a afirmar, veja-se o quadro que resulta da análise que realizámos no final de um período lectivo dos desempenhos dos alunos neste trabalho, identificando pontos fortes e pontos fracos. (Ver tabela)

É ainda de chamar a atenção para o

facto de estes trabalhos não serem fáceis de ler ou de comentar. Há muitas ponderações a fazer. Para quem tenha muitas turmas torna-se difícil ser-se muito sistemático. Esta foi uma razão que levou a diferenças nas duas professoras. Enquanto a professora Isabel continuou a praticar este tipo de avaliação, a professora Antonieta que tinha mais que uma disciplina e mais que uma turma por várias vezes manifestou vontade, mas não a concretizou.

Do ponto de vista dos alunos

No final do ano foi pedido aos alunos que reflectissem sobre a sua experiência na elaboração dos portfólios, tendo sido obtidas, entre outras, as seguintes respostas:

Fazer o portfólio obrigou-me a estudar, fazer mais exercícios, e assim percebi melhor a matéria, o que me levou a gostar mais de Matemática.

Com o portfólio tenho mais entusiasmo em aprender Matemática.

Estes alunos passariam facilmente despercebidos nas aulas. Não fazem perguntas, não se voluntariam para responder, só respondem quando têm a certeza e em situações mais simples. Apelando à sua iniciativa, percebendo que têm contributos interessantes a partilhar com os outros, com os *bons* da turma, levou-os a investir mais na aprendizagem pessoal. Um deles diz mesmo que ao elaborar trabalhos no tema *fracções*, passou a

compreender a partir do trabalho que teve de fazer no portfolio.

Outros aspectos positivos foram igualmente destacados pelos alunos, tendo mesmo alguns deles dado preferência a este instrumento quando comparado com os testes. Em particular, é de assinalar o facto de na realização dos portfolios os alunos disporem de mais tempo e de, dado cobrir diversas áreas, a avaliação poder ser mais justa:

Prefiro o portfolio aos testes, tenho mais tempo.

Dou mais importância ao portfolio que aos testes, porque num teste nem sempre o que sai é o nosso melhor. Num portfolio é como se fossemos nós a explicar a matéria.

Há maior justiça no final do período com os portfolios do que só nos testes, pois assim a avaliação é sobre tudo.

Ainda no que respeita ao tempo, uma das alunas referiu que muitas vezes fica bloqueada e ao realizar os trabalhos para o portfolio pode rever tudo com calma permitindo assim que o trabalho final saia sempre melhor.

Uma outra aluna refere que já gostava de Matemática, mas o portfolio ajudou-a a despertar a curiosidade pelos assuntos dados, a variar a forma de estudar e a tornar o estudo mais interessante: "Com o portfolio pesquisei mais e ampliei o que aprendi nas aulas". Esta aluna apresentava para cada tema sempre muitas tarefas diferentes.

A utilização dos portfolios fez com que certos alunos voltassem a estudar os assuntos que erravam nos testes, escrevendo e fazendo propostas de forma diferente das perguntas neles formuladas: "Nos portfolios escrevo o que tenho dificuldade e desenvolvo a minha autonomia", esta aluna realizava o seu portfolio sozinha pois sendo muito boa aluna sentia vergonha por falhar qualquer resposta. Outra aluna referindo o empenhamento em melhorar disse: "Faço o portfolio sozinha, mas os meus pais corrigem o Português".

Uma aluna que não gosta de rotinas, gosta de ser ela a criar situações

diferentes, a pesquisar, a inventar problemas, testemünhou o prazer que sempre manifestou na selecção e organização divertida dos seus trabalhos: "Com o portfolio tenho mais entusiasmo em aprender Matemática".

Vários alunos referem que dão mais importância ao portfolio que aos testes, pois os testes só mostram o que se responde naquelas perguntas, não as ideias que têm. De acordo com o que afirmaram, a experiência de realização do portfolio parece ter contribuído para construírem uma nova forma de pensar sobre o que é saber Matemática: "Percebi que em Matemática não é só fazer exercícios e praticar, é preciso perceber".

O depoimento que apresentamos de seguida, retirado da reflexão escrita por uma aluna, ilustra a importância do significado na aprendizagem da Matemática. Mais do que escrever qualquer coisa, a necessidade de se explicar obriga a interiorização dos conceitos e relacionamento de ideias. Por outro lado, ter que apresentar à turma é uma norma da aula, uma forma de conduta e socialização do conhecimento. O ambiente de aprendizagem intelectual, afectivo e social traduz o que é exigido aos alunos, o que se espera deles, o que é valorizado, condicionando a sua conduta escolar:

Com este trabalho fui obrigada a pesquisar um pouco mais sobre geometria, aplicar o que descobri a situações do dia a dia, que achei muito engraçado. Do que mais gostei foi perceber que até nas aulas de ballet, quando a minha professora nos ensina algumas posições dos pés ou braços, também estou a aplicar o que aprendi sobre ângulos, rectas, paralelas, para que as coisas saiam bem. A minha maior dificuldade não era compreender, mas saber o que eu podia fazer com aquilo ...

É possível, contudo, encontrar alunos que preferem os testes ao portfolio. Esta é a opinião de um bom aluno em Matemática, para quem os testes são desafios e tem facilidade em encontrar respostas e soluções para variadas situações problemáticas:

Tenho mais facilidade nos testes, porque no portfolio penso muito mais e tenho dificuldades em passar os assuntos das aulas para o papel.

A dificuldade que diz ter em expressar-se por escrito parece constituir para este aluno uma competência que não lhe é tão exigida nos testes. Este facto evidencia a importância em desenvolver um trabalho diversificado na sala de aula de Matemática e consequentemente na avaliação.

A dificuldade em escrever reflexões, já anteriormente assinalada, foi também expressa pelos alunos: "No portfolio o mais difícil é a reflexão, porque às vezes é difícil explicar certos sentimentos". Este aluno desenvolveu sempre os trabalhos com base numa carta, em que relatava a um amigo várias investigações e problemas resolvidos. O pormenor científico dos relatos era de grande qualidade, por isso, era já difícil desdobrar na reflexão aspectos que quisesse dizer.

Em síntese, pode constatar-se o grande interesse e envolvimento dos alunos ligando os processos de aprendizagem à avaliação.

A concluir

Consideramos que o portfolio permite desenvolver competências, possibilitando:

- Trabalhar a partir das representações dos alunos
- Construir o saber dos alunos a partir da sua experiência pessoal e da reflexão sobre a mesma
- Observar o aluno nos seus desempenhos, desenvolvendo-lhe a persistência
- Praticar a diferenciação, centrada no processo de aprendizagem
- Envolver os alunos na avaliação das suas competências
- Suscitar nos alunos o desejo de aprender, desenvolvendo a sua capacidade de reflexão e auto-avaliação
- Envolver os Encarregados de Educação como parceiros educativos e não como consumidores

É para nós um prazer verificar que o nosso investimento profissional é rentabilizado, observando a progressão

dos alunos, trabalhando efectivamente a avaliação formativa e diversificada, insistindo na realização na sala de aula de tarefas problemáticas e de cunho investigativo, de modo a servirem de modelo à elaboração de abordagens diversificadas no portfolio.

Como qualquer trabalho de natureza qualitativa, é importante saber integrar o portfolio no conjunto de registos dos alunos. Valorizar a sua execução implica considerá-lo na tradução da nota, equilibrando a avaliação certificadora de aprendizagens com as competências.

Como implicações do *ofício de docente* de avaliar, temos que efectuar um balanço sobre a forma como está a decorrer o processo de ensino-aprendizagem, permitindo-nos ser informados sobre as estratégias dos alunos, envolvendo-os na tarefa, não ficando sempre na posição de árbitro ou de avaliador.

Nas idades com que trabalhamos, é pouco provável que se *adiantem* aprendizagens em conteúdos científicos, nem é essa a nossa preocupação, mas ao desenvolvermos nos alunos a consciência do que sabem, a incrementar uma posição crítica e reflexiva relativa a conceitos, em vez de conformista e passiva, estamos a ajudá-los a construir o seu processo individual como cidadãos.

Nas nossas escolas, era desejável que todos os professores de um Conselho de Turma praticassem esta forma de avaliação, que aliás é contemplada sob a forma de *dossiê do aluno*. Para que isso aconteça é preciso que mais experiências sejam relatadas, que mais professores sejam apoiados nas suas práticas, que o trabalho colaborativo e reflexivo entre professores se intensifique nas escolas, de modo a que os medos de mudança e as resistências não continuem.

Referências

DEB (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico. Lisboa: ME.

Antonieta Lourenço e Isabel Paula
Escola E.B 2,3 Oeiras

Depoimentos dos alunos

Quando ouves falar de avaliação, qual a primeira ideia que te vem à cabeça?

(6º ano de escolaridade)

Rapaz (6º ano/Vila Real/nível 5):
Penso que vou ser avaliado; que me vão falar de avaliação ou que me vão dar a ideia da nota, conforme o trabalho que estou a fazer nas aulas.

Rapariga (6º ano/Vila Real/nível 2):
Como é que era a avaliação.

Rapaz (6º ano/Portalegre/nível 5): *Sei lá! Estudar, obter melhores notas.*

Rapariga (6º ano/Portalegre/nível 3):
As notas.

Rapariga (6º ano/Porto/nível 5):
Fichas de avaliação de conhecimentos em matérias.

Rapariga (6º ano/Porto/nível 2): *A avaliação é uma nota na qual nós vamos ter uma ideia da forma como nos comportamos durante o período e o que percebemos da matéria e as notas dos testes.*

Rapariga (6º ano/Lisboa/nível 5): *Nota final.*

Rapaz (5º ano — repetente/Lisboa/nível 3): *Notas e de escrever o quanto deveria merecer no fim do período.*

Ao nível do 6º ano, embora verificando-se uma certa diferenciação no modo como os alunos se expressam, há uma forte tendência para uma polarização em redor da relação avaliação/notas. Podemos dizer que a avaliação, independentemente do que seja, gera notas e estas têm consequências na progressão ou transição de ano. Começa a esboçar-se uma visão da avaliação como controlo e, deste modo, ainda que implicitamente dos seus efeitos escolares e sociais.

A visão que os alunos têm sobre a avaliação parece ser marcada por uma certa uniformidade, muito embora neste nível de escolaridade eles se confrontem com diferentes contextos de trabalho, uma vez que têm diversos professores. A emergência de uma tendência de uniformidade a partir de uma diversidade de contextos pode eventualmente ser decorrente do peso de uma cultura institucional de avaliação.

(9º ano de escolaridade)

Rapariga (9º ano/Vila Real/nível 4):
Que posso ser avaliada em muitas coisas.

Rapaz (9º ano/Vila Real/nível 2): *Não sei, estudar, talvez.*

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 5):
As notas.

Rapariga (9º ano/Portalegre/nível 2):
As notas.

Rapaz (9º ano/Porto/nível 5): *Testes.*

Rapaz (9º ano/Porto/nível 2): *Trabalho realizado no final do período.*

Rapariga (9º ano/Lisboa/nível 4):
Método de trabalho, estudo, esforço.

Rapaz (9º ano/Lisboa/nível 2): *Avaliar o que se faz durante o período, avaliar a nossa capacidade.*

Neste ano a questão das notas e dos instrumentos para as obter constituem as imagens dominantes dos alunos. A ideia de avaliação resume-se a uma palavra que incide sobre o instrumento de avaliação — o teste —, ao momento em que é realizado — final do período — e ainda ao produto — as notas. Naturalmente que a tudo isto está implícito, porque de tão evidente não vale a pena referi-lo, a transição ou retenção de ano.

Mais uma vez é ainda possível encontrar-se a ideia associada à avaliação da necessidade do aluno estudar e do esforço envolvido. Por último, e apesar de ser referido por apenas um aluno, parece poder-se falar numa relação entre a nota e a capacidade, isto é, a nota é reveladora não do trabalho desenvolvido, mas antes das suas capacidades, normalmente entendidas, numa cultura escolar, como características intrínsecas ao sujeito.